

Sociedade ciborgue: a busca pela pós-humanidade na sociedade do desempenho em tempos de *burnout*

Sociedad *cíborg*: la búsqueda de la poshumanidad en la sociedad del desempeño en tiempos de *burnout*

Cyborg Society: the Pursuit of Post-Humanity in the Performance Society in Times of Burnout

Leonardo Perin Vichi 

leonardo.vichi@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil



Artículo de reflexión derivado de investigación

Recepción: 2024/04/22 – Aprobación: 2024/06/10

eISSN: 2145-8529

<https://doi.org/10.18273/revfil.v24n1-2025011>

Resumo: este artigo propõe uma investigação acerca da intersecção entre ciborgues e a pós-humanidade, em um contexto social marcado pelo alto desempenho e pelo *burnout*. A pesquisa dialoga com o pensamento de Byung-Chul Han, Thierry Hoquet e Donna Haraway, ao buscar compreender como o ciborgue, representação da eficiência máxima, se insere nessa sociedade do desempenho, e como essa configuração pode resultar em esgotamento ou *burnout*. A análise de Haraway sobre a quebra das fronteiras entre humano e máquina, orgânico e inorgânico, proposta pelos ciborgues, é trazida para dialogar com a ideia de pós-humanidade, explorando-se a maneira como a existência dos ciborgues pode desafiar nossa compreensão do que é ser humano. A discussão sobre o *burnout*, a partir das contribuições de Han, permite refletir sobre as demandas e pressões da sociedade contemporânea e sua influência na concepção do ciborgue. Desta maneira, o artigo propõe uma reflexão social sobre os ciborgues, considerando as complexas relações entre tecnologia, identidade, *performance* e esgotamento na sociedade contemporânea.

Palavras-Chave: cibernética; pós-Humanismo; sociedade; biohacking; burnout; cyborg.

Información sobre el autor: docente de idioma y literatura alemana en la Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doctor en História Social por la Universidade Federal do Rio de Janeiro y Freie Universität Berlin.

Forma de referenciar (APA): Perin Vichi, L. (2025). Sociedade Ciborgue: a busca pela pós-humanidade na sociedade do desempenho em tempos de *burnout*. *Revista Filosofia UIS*, 24(1), 243-265. <https://doi.org/10.18273/revfil.v24n1-2025011>

Resumen: este artículo propone una investigación sobre la intersección entre los ciborgues y la poshumanidad, en un contexto social marcado por el alto desempeño y el burnout. La investigación dialoga con el pensamiento de Byung-Chul Han, Thierry Hoquet y Donna Haraway, al buscar comprender cómo el ciborgue, representación de la máxima eficiencia, se inserta en esta sociedad del desempeño, y cómo esta configuración puede derivar en agotamiento o *burnout*. El análisis de Haraway sobre la ruptura de las fronteras entre humano y máquina, orgánico e inorgánico, propuesta por los ciborgues, se aborda para dialogar con la idea de poshumanidad, explorando cómo la existencia de los ciborgues puede desafiar nuestra comprensión de lo que significa ser humano. La discusión sobre el burnout, a partir de las contribuciones de Han, permite reflexionar sobre las demandas y presiones de la sociedad contemporánea y su influencia en la concepción del ciborgue. De esta manera, el artículo propone una reflexión social sobre los ciborgues, considerando las complejas relaciones entre tecnología, identidad, desempeño y agotamiento en la sociedad contemporánea.

Palabras clave: cibernética; poshumanismo; sociedad; biohacking; burnout; ciborg.

Abstract: this article proposes an investigation into the intersection between cyborgs and post-humanity, in a social context marked by high performance and burnout. The research engages with the thoughts of Byung-Chul Han, Thierry Hoquet, and Donna Haraway, seeking to understand how the cyborg, a representation of maximum efficiency, fits into this performance society, and how this configuration may result in exhaustion or burnout. Haraway's analysis on the breaking of boundaries between human and machine, organic and inorganic, proposed by cyborgs, is brought into conversation with the idea of post-humanity, exploring the ways in which the existence of cyborgs might challenge our understanding of what it is to be human. The discussion on burnout, based on Han's contributions, allows for reflection on the demands and pressures of contemporary society and their influence on the concept of the cyborg. In this way, the article proposes a social reflection on cyborgs, considering the complex relationships between technology, identity, performance, and exhaustion in contemporary society.

Keywords: cybernetics; posthumanism; society; biohacking; burnout; cyborg.

1. Introdução

*Ihr Alle, denen die wilde Arbeit lieb ist
und das Schnelle, Neue, Fremde,
— ihr ertragt euch schlecht, euer Fleiß ist Flucht
und Wille, sich selber zu vergessen*¹(Nietzsche, 1999, p. 56).

¹ "Todos vós, que amais o trabalho selvagem e o rápido, novo, estranho – suportais mal a vós mesmos, vosso zelo é fuga e vontade de esquecer a si mesmo" (Tradução Nossa).

A simbiose entre carne e circuito revela-se não apenas como tendência, mas principalmente como reflexo da Sociedade do Desempenho. As diversas fases da Revolução Industrial transformaram as relações homem-máquina, reconfigurando seus papéis e protagonismos. Se em sua primeira fase a inserção da máquina, passando da manufatura para a produção fabril, ainda guardava a relação instrumental da máquina controlada pelo homem; a modernização das indústrias, a partir da intensa onda de digitalização e do desenvolvimento, não somente da mecatrônica como também da Inteligência Artificial, nos estágios atuais da Revolução Industrial de 3ª Geração (pródromo da já perceptível 4ª Geração), inverte esse panorama, inserindo o homem como instrumento da própria máquina.

Neste regime tecnocrático não é mais o homem quem define o tempo da máquina, mas esta que define o ritmo que deverá ser seguido pelo seu operador, para atender às demandas da indústria. Plantas industriais automatizadas e com poucos postos de trabalho (estes reservados para mão de obra altamente especializada e Inteligências Artificiais Generativas já disseminam o pânico de uma sociedade onde o trabalho formal escasseia, empurrando aceleradamente massas de indivíduos rumo à total obsolescência. Ainda que distraídos pela publicidade que convida à atualização constante para as versões mais modernas e potentes de dispositivos eletrônicos pessoais, eletrodomésticos e automóveis, a própria humanidade, enquanto peça da engrenagem de uma sociedade da negação do descanso, vai se tornando ela mesma obsoleta.

Desde o surgimento do *Homo Sapiens*, temos testemunhado uma constante transformação da humanidade, impulsionada por nossas próprias invenções e descobertas. Esta revolução nunca foi tão palpável como no limiar do século XXI, onde nos encontramos já imersos em um novo capítulo antropológico representado pela fusão do biológico com o tecnológico. Ian Pearson, em sua visionária exploração do futuro², delineou esta transição, destacando a jornada do *Homo Sapiens*, marcado pela consciência e pela capacidade de raciocínio, para o *Homo Cyberneticus*, uma entidade ampliada e melhorada por tecnologias integradas. Esta trajetória, contudo, não se encerra aí, pois enquanto a obstinação pela alta *performance* tanto em corpo quanto em mente, inclina o indivíduo para a emergência do *Homo Hybridus*, um ser que representa a confluência do potencial humano com os vastos poderes da tecnologia; a Sociedade do Desempenho produz indivíduos acometidos por patologias neuronais como o TDAH, a depressão e a Síndrome de *Burnout*. Mais do que sociedade do Desempenho, como proposto por Byung-Chul Han, esta é uma Sociedade da Tarja Preta, em que

² (Pearson, 2014).

a busca pelo aprimoramento biológico visa suplantar as vantagens da máquina, apostando na instância da fusão homem-máquina como busca pela inserção e pela manutenção da inclusão, ao mesmo tempo como questionamento de identidades em uma sociedade em que os novos protagonismos no panorama industrial confundiram os limites do animal e do tecnológico. Este cenário de transformações não é apenas físico ou cognitivo; é, sobretudo, uma transformação sociológica, repleta de promessas e paradoxos, mas que já permite entrever as marcas da exaustão, — humana e social. E é neste cenário complexo e multifacetado que nossa investigação se insere, explorando as interseções, implicações e desafios dessa nova fronteira da interação humana.

2. O *Homo Ciberneticus* e o pós-humanismo

No arco evolutivo da espécie humana, atingimos uma conjuntura na qual os progressos tecnológicos possibilitam a concepção de uma nova fase ontológica: o *Homo Ciberneticus*. Este termo, sinaliza um ser humano que está entrelaçado com a tecnologia, não apenas em um nível superficial, mas integrado ao seu próprio ser, às suas funções cerebrais e à sua percepção do mundo.

No núcleo do conceito de *Homo Ciberneticus*, como proposto por Pearson, é possível se detectar a ideia de que o ser humano e a máquina não são entidades separadas e antagônicas, mas sim componentes de uma simbiose cada vez mais profunda. Em um mundo já ocupado irreversivelmente pela Inteligência Artificial, conectividade e avanços biotecnológicos, essa fusão é proposta tanto como necessidade quanto parte de uma presumida evolução natural.

Essa junção homem/máquina é efeito mesmo do desenvolvimento tecnológico oriundo da inserção da máquina nas primeiras fases da Revolução Industrial. Hannah Arendt aponta que essa transformação promoveu uma aproximação das características da máquina com o biológico, confundindo, por meio da afinidade, onde começa a máquina e onde termina o homem:

Em seu contínuo processo de operação, este mundo de máquinas começa a perder até mesmo aquele caráter humano independente que os instrumentos e utensílios e as primeiras máquinas da era moderna possuíam em tão alto grau. Os processos naturais de que se alimenta emprestam-lhe uma afinidade cada vez maior com o próprio processo biológico, de sorte que os aparelhos, que antes manejávamos tão livremente, começam a parecer "carapaças, parte tão integrantes do nosso corpo como a carapaça é parte integrante do corpo da tartaruga". (Arendt, 2007, p. 166)

Para compreender a própria definição de *Homo Cyberneticus*, é necessário retornar à noção de cibernética, conforme conceituada por Norbert Wiener, como a ciência do controle e da comunicação, tanto nos seres vivos quanto nas máquinas (Wiener, 1968b, p. 11). Nascida das discussões interdisciplinares entre matemáticos, engenheiros, biólogos e outros cientistas na década de 1940, a cibernética teve em Wiener um de seus principais teóricos e propagadores. Seu interesse central estava em compreender as semelhanças funcionais entre sistemas orgânicos e eletrônicos, em especial a forma como processavam, armazenavam e utilizavam a informação.

O trabalho seminal de Wiener, *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and the Machine*, publicado em 1948, foi pioneiro na definição de sistemas que tinham capacidades autorregulatórias. Wiener identificou processos paralelos de *feedback* em sistemas vivos e máquinas, sugerindo que eles poderiam ser modelados e compreendidos através de uma única linguagem matemática. Essa abordagem, que revolucionaria o campo, propôs que sistemas biológicos e mecânicos poderiam ser vistos sob uma ótica unificada, uma vez que ambos se baseavam em *loops* de *feedback* para manter e ajustar seu desempenho. Justamente residindo nesses processos de *feedbacks* produzidos pela relação de mensagem, controle e comunicação é que Wiener evoca a própria chave para a compreensão das dinâmicas atuais (para ele futuras) das relações homem/máquina na sociedade, quando depreende que:

a sociedade só pode ser compreendida através de um estudo das mensagens e das facilidades de comunicação de que disponha; e de que, no futuro desenvolvimento dessas mensagens e facilidades de comunicação, as mensagens entre o homem e as máquinas, entre as máquinas e o homem, e entre a máquina e a máquina, estão destinadas a desempenhar papel cada vez mais importante [...] O propósito da Cibernética é o de desenvolver uma linguagem e técnicas que nos capacitem, de fato, a haver-nos com o problema do controle e da comunicação em geral. (Wiener, 1968a, pp. 14-15)

A partir dessas ideias, é possível postular a figura do *Homo Cyberneticus*, um ser humano integrado com sistemas cibernéticos, representando uma fusão de capacidades biológicas e eletrônicas. Se Wiener identificou as similaridades estruturais entre organismos e máquinas, o conceito de *Homo Cyberneticus* amplia essa visão, considerando não apenas as interações e *feedbacks* entre sistemas, mas a potencial fusão e integração entre eles.

Em um mundo crescentemente permeado por tecnologias emergentes com alto potencial disruptivo, onde a fronteira entre o orgânico e o inorgânico é constantemente tensionada, a perspectiva cibernética de Wiener se estabelece como fundamento para compreender a dinâmica interativa e integrada imposta à existência humana no século XXI. O *Homo Cyberneticus* não é apenas um indivíduo potencializado por máquinas, mas um ser que vive em simbiose com elas, em um ciclo contínuo de *feedback*, adaptação e evolução. As dinâmicas das relações cibernéticas que se evidenciarão numa sociedade centrada em redes, estabelecerão as características que definirão a noção de pós-humanismo, de onde emerge a figura do Homem Cibernético, formado pelo hibridismo do humano e do tecnológico, como evoca Hari Kunzru em seu *A genealogia do ciborgue*:

[...] a cibernética deixou dois importantes resíduos culturais. O primeiro é sua descrição do mundo como uma coleção de redes. O segundo é sua intuição de que não existe uma distinção tão clara entre pessoas e máquinas quanto alguns gostariam de crer. Esses ainda controversos conceitos estão no coração biônico do ciborgue, que está vivo e passando bem, e se autoconstruindo em algum laboratório perto de você. (Haraway et al., 2000, p. 126)

Ao mesmo tempo, o Pós-Humanismo, como corrente filosófica e cultural, vai além da mera incorporação da tecnologia ao corpo humano. Questiona a essência do que significa ser humano e como essa definição está em constante transformação diante dos avanços tecnológicos. Se no passado a humanidade era avaliada por suas capacidades físicas e mentais, hoje, com a possibilidade de aprimoramento, de alterar ou mesmo substituir essas capacidades, essa definição torna-se fluida.

O Pós-Humanismo, portanto, não se refere apenas ao período após a humanidade como a conhecemos, mas também a uma redefinição daquilo que é humano e o que se espera e se exige deste. Esta propõe uma visão em que seres humanos, máquinas e inteligências artificiais coexistem e coevoluem, resultando em entidades que desafiam as categorizações tradicionais. É nesta categorização produzida pela cibernética onde ficam definidas as diferenças entre o Transumanismo e o Pós-Humanismo, como trazido por Luc Ferry (2016) em *La Révolution Transhumaniste*:

Distinguiremos dessa primeira face do transumanismo o inquietante projeto “cibernético” de uma hibridização sistemática entre homem e máquina, que mobiliza a robótica e a inteligência artificial muito mais do que a biologia. Esse é o conceito proposto por Ray Kurzweil, criador da Singularity University, financiada pelo Google. Parece-me

que, a rigor, deveríamos reservar o termo “pós-humanismo” para essa corrente, pois o objetivo aqui é criar uma nova espécie, radicalmente diferente da nossa, milhares de vezes mais inteligente e poderosa, portanto, uma outra humanidade. A memória, as emoções, a inteligência, em suma, tudo que compõe a vida da mente, poderia ser armazenado em suportes materiais de um novo tipo, algo como transferir arquivos para um pen drive. O que Kurzweil sonha é com um ser humano “interfaceado” com um computador, com todas as redes da Internet, por meio de implantes cerebrais, o que resultaria em um ser “pós-humano”. (p. 55. Tradução Nossa³)

Dentro desse panorama, o *Homo Ciberneticus* emerge como representação da transição entre o humano “convencional” e novas formas pós-humanas de existência.

Entretanto, na ideia de pós-humanidade e na proposição de uma fusão homem-máquina como identidade, encontra-se também a possibilidade de uma construção de controle psicopolítico inerente às dinâmicas neoliberais componentes de uma sociedade configurada para a busca por resultados e pelo alto desempenho. O aperfeiçoamento tecnológico difundido como possibilidade de vantagens sociais e econômicas se manifesta de maneira sedutora, oferecendo liberdades, capacidades e acesso irrestrito ao custo da própria subjetividade. Apesar de Era da Informação, esta também é a era dos *wearables*, dos *gadgets* e da *Internet of Things*, — a contraparte física do mecanismo maquinico que revestido em cartões de crédito com pagamento por aproximação disponibilizado com exclusividade para clientes selecionados, permitindo a identificação de indivíduos que transcenderam camadas sociais estratificadas e agora são permitidos em espaços restritos às *very importante people* em aeroportos e espaços públicos; dispositivos *wireless* que enquanto apresentados como cobiçados objetos de luxo ao mesmo tempo informam seu portador sobre suas metas de condicionamento físico, seu desempenho em cursos, dados privilegiados do mercado de ativos financeiros para aumentar lucros via *Day Trade* e oportunidades e instruções para melhorar seu *ranking* no mercado de trabalho onde este, no fim, é o produto. É o desejo pelo alto desempenho, que precisa estar publicamente visível, que desloca

³ “On distinguera de ce premier visage du transhumanisme l’inquiétant projet «cybernétique» d’une hybridation systématique homme/machine mobilisant la robotique et l’intelligence artificielle davantage encore que la biologie. C’est celui que propose Ray Kurzweil, le patron de l’Université de la Singularité financée par Google. Il me semble que, en toute rigueur, il faudrait réserver le terme de «posthumanisme» à ce courant-là, car il s’agit bien ici de créer une espèce nouvelle, radicalement différente de la nôtre, des milliers de fois plus intelligente et plus puissante qu’elle, une autre humanité, donc, dont la mémoire, les émotions, l’intelligence, bref, tout ce qui ressortit à la vie de l’esprit, pourraient être stockées sur des supports matériels d’un type nouveau, un peu comme on télécharge des fichiers sur une clef USB. Ce dont rêve Kurzweil, c’est d’un homme «interfacé» avec un ordinateur, avec tous les réseaux du Net, grâce à des implants cérébraux, et qui serait alors «posthumain»”.

a noção do humano, transformando a ideia de uma fusão homem-máquina na promessa de afastamento do mero humano, orgânico, logo medíocre, pois em desvantagem. Desta maneira, como afirma Han (2021), “Somos conduzidos como marionetes por fios algorítmicos. O Big Data como mecanismo político torna o comportamento humano prognosticável e controlável. A psicopolítica digital nos derruba em uma crise de liberdade” (p. 110).

Para Han, o pós-humanismo representa um futuro totalmente diferente daquele que prevê os protagonismos vistos no passado da humanidade, mas o encara como possibilidade de pensar o humano como algo que será superado (p. 113). De fato, a proposta transhumanista trabalha com a ideia de extinção humana, ou melhor, do desaparecimento daquela humanidade como conhecemos hoje, em que as máquinas obnubilarão o protagonismo humano, se tornando incompreensíveis para os homens e tornando-se elas as controladoras do sistema. É o que já alimenta os temores sobre a emergência das Inteligências Artificiais Generativas e a possibilidade de serem substituição aos humanos em grandes quantidades de posições de trabalho. No entanto, para Duarte Arias (2022, p. 203), é possível exista um compromisso que pode ser tido como mais moderado, e que operacionalize não a criação de um outro ser inteiramente maquinal, mas que se dê através da modificação ciborgue.

Nessa perspectiva, temos, assim, o reforço da ideia de desempenho e superação como resposta ao temor da obsolescência humana. É a depicção de um futuro no qual aqueles que não se equiparem para a Revolução Industrial 4.0 tornar-se-ão parte de uma massa de miseráveis controlados por poderes difusos que regularão acesso a posse de bens e ao direito a serviços, —imagem esta que se manifesta também como instrumento do discurso político da terceira década do século XXI. É dessa maneira que a “obrigação de ascender e ser mais exclui a possibilidade do fracasso e da derrota. Os discursos encorajadores da superação pessoal aconselham a necessidade de crescer como uma medida contra a resignação e o conformismo” (Rico-Palacio, 2019, p. 161. Tradução Nossa⁴). O mecanismo empregado na narrativa que reforça essa necessidade é estabelecido através da imposição de normas de conduta e de uma subjetividade operacionalizada em categorizações de convergências e divergências. O adaptado à normatividade, vista como ideal, torna-se assim o típico; o elemento alheio ou não permitido na instância do típico, torna-se assim o divergente, e logo e por isso mesmo, marginal. Marginal em dois sentidos, no que se recusa a aderir à tipicidade e no do condenado simbolicamente a ser visto como atípico. Essa tipicidade é

⁴ “La obligación de ascender y ser más excluye la posibilidad del fracaso y la derrota. Los discursos alentadores de la superación personal aconsejan la necesidad de crecer como una medida contra la resignación y el conformismo”.

construída, todavia, no discurso neoliberal, que ignora oportunidades e condições, determinando, por isso, a condição daquilo que periférico. A adesão ao que é considerado típico e normal fica assim naturalizada como mecânica que visa tornar a ideia de exploração do trabalho menos desconfortável.

Redes sociais direcionadas ao mundo empresarial e corporativo disseminam técnicas, estratégias e roteiros para fornecer as respostas certas aos departamentos de Recursos Humanos; tutoriais ensinam como produzir *curricula* que “enganem” os algoritmos das plataformas automatizadas de seleção de profissionais, *coaches* e mentores bombardeiam *feeds* com discursos associando neuropatologias como debilidades e deficiências a serem corrigidas, propondo não mais (ou não apenas) o aperfeiçoamento biológico, mas a transformação psicológica. É um modelo de existência operacionalizada pela formatação daquilo que está no domínio do psicológico para satisfazer o sistema e constatando que esta mecânica é “um produto da psicologia, uma disciplina que é cúmplice de um sistema que empurra o indivíduo a se adaptar ao *status quo*, através dessa normalização eles se tornam instrumentos e são explorados, transformados nas engrenagens que servem para mover esse mesmo sistema adiante” (Correa Blázquez et al., 2022, p. 146. Tradução Nossa⁵). Logo, o trabalho de construção do maquinário do *Homo Cyberneticus*, o Ciborgue, não se trata apenas de alterações e intervenções do maquinário orgânico, ou do aperfeiçoamento do biológico, ou seja, não é apenas um *upgrade* do hardware, mas um *update* do software para permitir o controle do indivíduo no nível lógico, haja vista que, segundo Han (2019), a “biopolítica não permite nenhum acesso sutil à *psiche* de pessoas. O psicopoder, em contrapartida, está em condições de intervir nos processos psicológicos” (p. 131). Assim, para isso, não basta apenas permitir-se ser construído ciborgue, mas se identificar como um.

3. A construção de uma identidade ciborgue

A identidade ciborgue tensiona as tradicionais categorias binárias de humano/máquina. “O ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica, com o trabalho não alienado” (Haraway et al., 2000, p. 38). Ela não se estabelece meramente na extensão física através de próteses ou implantes, mas permeia a cognição, a percepção e a interação social. Em um mundo interconectado por

⁵ “Taking it as a product of psychology as a discipline that is complicit with a system that pushes for the individual to adapt to the status quo, through this normalization they become instruments and are exploited, transformed into the gears that serve to move that same system forward”.

redes digitais e interfaces cada vez mais intuitivas, — a distinção entre o orgânico e o inorgânico torna-se cada vez mais tênue.

Para Haraway, o ciborgue é uma metáfora para uma realidade onde as fronteiras tradicionais entre gênero, espécie e máquina estão se desfazendo. Assim, a identidade ciborgue traz consigo o anseio por uma liberdade potencial da estruturação binária e hierárquica, proporcionando um espaço de resistência e redefinição. Como afirma: “A verdade é que estamos construindo a nós próprios, exatamente da mesma forma que construímos circuitos integrados ou sistemas políticos – e isso traz algumas responsabilidades” (Haraway et al., 2000, p. 24).

Por isso, ao assumir a construção dessa identidade não se está isento de seus custos. Enquanto a tecnologia oferece ampliação de capacidades, também pode levar a novas formas de alienação. A interface constante com dispositivos pode resultar na hiperconexão, na qual a noção de *self* se dilui em um mar de dados e algoritmos. Além disso, há o risco de uma crescente dependência tecnológica, em que o ciborgue se torna menos autônomo e mais uma extensão da máquina. Como aborda Arendt (2007):

A discussão de todo o problema da tecnologia, isto é, da transformação da vida e do mundo pela introdução da máquina, vem estranhamente enveredando por uma concentração demasiado exclusiva no serviço ou desserviço que as máquinas prestam ao homem. [...] Assim, a questão não é tanto se somos senhores ou escravos de nossas máquinas, mas se estas ainda servem ao mundo e às coisas do mundo ou se, pelo contrário, elas e seus processos automáticos passaram a dominar e até mesmo a destruir o mundo e as coisas. (p. 164)

Em meio ao turbilhão tecnológico do século XX e à rápida evolução da cibercultura no século XXI, a concepção do que é ser humano está em constante transformação. Uma das figurações mais provocativas e complexas desse cenário é o ciborgue. Segundo Hoquet (2019), uma primeira definição de Ciborgue o identifica como um "amálgama Tecnohumano": a combinação entre um ser humano e um arsenal técnico integrado (p. 37). Este ser, o ciborgue, emerge como uma representação da interseção entre o humano e a tecnologia, delineando-se como uma figura limite e simbolizando uma das maneiras com que o século XX concebeu o híbrido.

A cibercultura, por sua vez, é um reflexo dessa intersecção. Lévy (1999) argumenta que a cibercultura é a manifestação da aspiração por um novo tipo de coesão social (p. 130). Uma coesão que não se baseia em territorialidade,

instituições ou relações de poder, mas que é forjada a partir de interesses comuns, cooperação, compartilhamento de saberes e colaboração aberta. Em um mundo cada vez mais interconectado, a cibercultura torna-se o solo fértil onde as sementes da identidade ciborgue germinam e florescem.

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre *links* territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. (Lévy, 1999, p. 130)

Entretanto, com a ascensão do ciborgue, as noções tradicionais de natureza e cultura são tensionadas. Haraway et al. (2000, p. 39) observam que, neste novo contexto, a natureza e a cultura se reconfiguram e nenhuma delas pode mais ser apropriada ou incorporada pela outra. A dinâmica entre o humano e a tecnologia não é mais uma mera extensão ou ampliação das capacidades humanas, mas uma reestruturação das fronteiras entre o orgânico e o inorgânico.

Por outro lado, essa imersão na máquina traz implicações profundas para a autonomia humana. Marcuse (2001, p. 80) em seu célebre texto *Algumas implicações sociais da tecnologia moderna*, reflete sobre como a interação com as máquinas condiciona o comportamento humano, destacando que, ao manipulá-las, o ser humano aprende que a obediência estrita às instruções é a única via para alcançar os resultados desejados. “Ser bem-sucedido é o mesmo que adaptar-se ao aparato. Não há lugar para a autonomia” (Marcuse, 2001, p. 80). Tal perspectiva sugere uma tensão na identidade ciborgue: a adaptação ao aparato tecnológico pode ameaçar a autonomia individual e, assim, moldar uma conformidade que é diametralmente oposta ao espírito libertário da cibercultura.

Essa conformidade ou resignação, contudo, é, por sua vez, fruto do próprio processo de controle psicopolítico característico da dinâmica da Revolução Industrial 4.0 em que o apagamento das categorias que determinavam o que era o trabalho, o trabalhador, pertencimento à classe trabalhadora dentro de seus direitos e, em especial, do que se espera como contrapartida pelo trabalho reproduz o cenário de incertezas e instabilidades que se prenuncia para uma realidade distópica em que o protagonismo das cadeias de produção estará não mais com o homem, representado como equipamento em vias de obsolescência, mas sim, com a máquina. Portanto, a aceitação da perda da autonomia e do apagamento da subjetividade não é assumida de maneira acrítica, mas como efeito

de uma era não apenas da crueldade ou do terror, mas do cinismo — do “capital como meio de extorquir sobretrabalho” (Deleuze & Guattari, 1973, p. 267). Cinismo este que é característico do projeto de controle psicopolítico que é manifestado por meio da desterritorialização e descodificação como mecânica para a desintegração da subjetividade e que se operacionaliza “para o trabalhador”, como: “desterritorialização do solo pela privatização; descodificação dos instrumentos de produção pela apropriação; privação dos meios de consumo pela dissolução da família e da corporação; descodificação, finalmente, do trabalhador em favor do próprio trabalho ou da máquina” (p. 267. Tradução Nossa⁶).

E nesse cenário de Revolução Industrial 4.0 já sentido por meio da precariedade das relações de trabalho, a possibilidade de fuga da marginalização e da obsolescência é proposta por meio da ideia do “empreendedor”. As relações de opressão e de exploração através do trabalho são ocultadas pelo apagamento da instância da “Pessoa Física” e deslocada para o acordo entre “Pessoas Jurídicas”, mantendo, sem remorsos ou piedades, o assédio, a exploração e a sub-remuneração. “As condições desiguais de oportunidade, fruto da diversa posição social dos participantes que se aventuram a empreender, são pouco relevantes para o neoliberalismo, dado que este “parte de que todos os indivíduos, mesmo os que se encontram nas margens da sociedade, têm a capacidade de incrementar seu ‘capital humano’ mediante a criação, a inovação e o empreendedorismo” (Rico-Palacio, 2019, p. 161. Tradução Nossa⁷).

Portanto, tornar-se ciborgue, é também tornar-se aprimorado para a realidade tecnocrática. Não há mais a identidade do trabalhador, mas do indivíduo que se vê como empreendedor, que, contratualmente, se enxerga como patrão de si mesmo, mas tecnocraticamente é ele mesmo a máquina a ser explorada para a produção e que poderá ser descartada sem consequências ou repreensões. A “Autoexploração é muito mais eficiente do que a exploração do outro, pois é acompanhada por um sentimento de liberdade; o sujeito do desempenho submete-se a uma coação livre, autogerada” (Han, 2020, p. 112), portanto, o Ciborgue é, nessa perspectiva, o responsável pela própria transformação, — seu próprio agressor, e vítima de seu desejo de adequação e sobrevivência ao poder tecnológico.

⁶ “pour le travailleur libre, déterritorialisation du sol par privatisation; décodage des instruments de production par appropriation; privation des moyens de consommation par dissolution de la famille et de la corporation; décodage enfin du travailleur au profit du travail lui-même ou de la machine”.

⁷ “Las condiciones desiguales de oportunidad, fruto de la diversa posición social de los participantes que se aventuran a emprender, son poco relevantes para el neoliberalismo, dado que este “parte de que todos los individuos, aun los que se encuentran en las márgenes de la sociedad, tienen la capacidad de incrementar su ‘capital humano’ mediante la creación, la innovación y el emprendimiento”.

4. *Biohackers*: aprimoramento biotecnológico *DIY* como resposta à tecnocracia

No cenário proposto por Marcuse, onde a tecnocracia emerge como uma sociedade em que o homem serve à máquina, a figura do ciborgue, essa entidade que mescla o orgânico ao maquínico, ganha destaque e relevância. “O processo de replicação dos ciborgues está desvinculado do processo de reprodução orgânica” (Haraway et al., 2000, p. 36). Esse cenário, que demonstra uma clara dissociação da humanidade em sua essência tradicional, apresenta um desafio ao entendimento tradicional do que é “ser humano”, ao mesmo tempo em que retira do condicionamento biológico o seu poder essencial, transferindo suas capacidades ao novo indivíduo capaz de aprimorar-se e aperfeiçoar sua própria biologia e por conta própria.

Paradoxalmente, vivemos em uma era em que as fronteiras entre o orgânico e o tecnológico se tornam cada vez mais difusas. Enquanto a disputa na indústria e no trabalho entre homem e máquina, entre inteligência humana e Inteligência Artificial acirram a corrida pelo desempenho e pelo aprimoramento, fundem-se também os olhares para o que é humano e o que é maquinal. De um lado, vírus infectam computadores e humanos, de outro *coaches* pregam a possibilidade de formatação de mentes, desfragmentação de emoções e a própria medicina já incorpora, há tempos, equipamentos como marcapassos, válvulas, bio-implantes e equipamentos de suporte de vida, tornando-nos cada vez mais próximos do Frankenstein de Mary Shelley, — talvez o ciborgue originário. Assim Chris Gray, em seu *Cyborg Handbook* (1995), observa:

[...] as fusões máquina/orgânica de hoje como a síntese de duas correntes centrais da cultura ocidental: as visões de mundo mecânica e orgânica. Inevitavelmente, existem paradoxos. Sistemas orgânicos são cada vez mais descritos em termos de processamento de informações, enquanto os dispositivos mecânicos ou informacionais mais complexos (*software*, por exemplo) são geralmente explicados na mesma linguagem. De programas de vida artificial a cadáveres 'vivos-mortos' doadores de órgãos, a linha entre o orgânico e o maquínico está se tornando realmente muito tênue. (Gray, 1995, p. 5. Tradução Nossa⁸)

⁸ “[...] today's machinic/organic mergings as the synthesis of two central currents of Western culture: the mechanical and the organic worldviews. Inevitably, there are paradoxes. Organic systems are increasingly described in information-processing terms, while the more complex mechanical or informational devices (software, for example) are today usually explained in identical language. From artificial life programs to “living-dead” cadaver-organ donors the line between the organic and the machinic is becoming very blurred, indeed”.

Contraopondo-se a tecnocracia e ao potencial de alienação e subjugação que ela apresenta, evidencia-se o movimento dos *biohackers*, exemplificado pelo emergente conceito de ciência cidadã, que surge como resposta ao mecanismo de controle tecnocrático. Se então o homem precisa submeter-se ao ritmo da máquina, agora o indivíduo pode se tornar maquínico na busca pela equidade com a máquina. A esta proposta cunhou-se o nome de *Biohacking*, uma atitude rebelde frente à sociedade de controle e frente à própria tecnocracia, controladora também ela da própria ciência. Como explica Alessandro Delfanti (2013):

Graças à Internet, a ciência cidadã está se tornando cada vez mais difundida. Mas não se trata apenas de uma questão de difusão: ferramentas *web* estão criando e facilitando novas maneiras para leigos interagirem com cientistas ou cooperarem uns com os outros. Muitas definições foram usadas para descrever este fenômeno, tais como 'ciência cidadã' ou 'Ciência do Faça você mesmo' (*DIY*) — de fato, não estamos entrando em um mundo estável, mas sim em um fenômeno emergente ainda em busca de estabilidade (p. 52. Tradução Nossa⁹)

Estes indivíduos buscam reverter o cenário de servidão tecnocrática, recuperando o controle sobre suas próprias vidas e corpos através do *DIY* biotecnológico.

Contudo, a postura de rebelar-se contra a Sociedade do Controle não é nada mais do que aderir à própria dimensão da Sociedade do Desempenho. O processo de tornar-se máquina, a busca pela existência ciborgue, sintoniza-se à mesma necessidade de produzir tanto quanto ou até mais do que a máquina. É aí que se esbarra nos limites do que é humano. O uso de psicotrópicos e nootrópicos, a popularidade de *coaches* que pregam o não descanso (“*Estude, enquanto eles dormem. Trabalhe, enquanto eles se divertem*”) é o sintoma principal não somente da Sociedade do Desempenho, mas das patologias neuronais que elas provocam. Como constata Rico-Palacio (2019) em seu artigo “Individuo, trabajo y neoliberalismo”:

Diante da ameaça constante da incerteza, da insegurança, da instabilidade e do risco; diante do assédio da solidão, da depressão, do estresse e da frustração, o mercado oferece estimulantes, narcóticos e energizantes propulsores da vontade que prometem

⁹ “Thanks to the Internet, citizen science is becoming more diffused. But it is not just a matter of diffusion: web tools are creating and facilitating new ways for lay people to interact with scientists or to cooperate with each other. Several definitions have been used to describe this phenomenon, such as ‘citizen science’ or ‘do-it-yourself science’ (DIY) – indeed, we are not entering a well-established world, but rather an emergent phenomenon still looking for stability”.

ajudar a superar o desalento, o cansaço e o esgotamento, de tal modo que se possa potencializar o ânimo e ressuscitar o desejo, e acolher novamente a cada dia os princípios que impõem por decreto o dever de ser felizes. A vulnerabilidade e o risco que supõem a sociedade de mercado neoliberal demandam um espírito dinâmico e flexível, móvel e facilmente adaptável, mas também uma vontade decidida, aventureira, ousada, quase heroica. (p. 165. Tradução Nossa¹⁰)

Dessa forma, é importante observar que o ciborgue, mesmo emergindo como uma figura-chave neste novo cenário, não é sempre bem-vindo. Ele é "apresentado como um dos possíveis futuros do Humano, na maioria das vezes estigmatizado como uma ameaça a ser descartada ou um fantasma que precisa ser diminuído ou esvaziado do seu conteúdo" (Hoquet, 2019, p. 38).

Seja como ameaça ou como fantasma, a identidade ciborgue subsume-se à uma manifestação que se desloca entre as duas categorizações que a compõe, ora como humano, ora como máquina, ora como sensível, ora como maquínico; mediada pela necessidade de enquadramento da percepção de si mesmo como ser condenado à descodificação que visa a enfraquecer e eliminar as limitações do trabalho humano, e de indivíduo a quem foi imposta a necessidade de eliminar o elemento maquínico do desejo (Deleuze & Guattari, 1973, p. 398) para a obtenção do desempenho, para que produza maquinalmente. Portanto, a ideia do ciborgue comportando em si o humano e maquinal é essencialmente esquizofrênica e a "questão é saber se os esquizofrênicos são as máquinas vivas de um trabalho morto, que se opõem então às máquinas mortas do trabalho vivo tal como o organizamos no capitalismo" (Deleuze & Guattari, 1973, p. 457. Tradução Nossa¹¹).

A dimensão do ciborgue é, conseqüentemente, dual em sua essência, ao mesmo tempo que contesta e desvirtua a sociedade de controle, é empurrada rumo à sociedade da exaustão.

5. Burnout das mídias sociais: exaustão emocional, Inteligência Artificial e a emergência da Revolução Industrial 4.0

¹⁰ "Ante la amenaza constante de la incertidumbre, la inseguridad, la inestabilidad y el riesgo; ante el acoso de la soledad, la depresión, el estrés y la frustración, el mercado ofrece estimulantes, narcóticos y energizantes propulsores de la voluntad que prometen ayudar a superar el desaliento, el cansancio y el agotamiento de tal modo que se pueda potenciar el ánimo y resucitar el deseo, y acoger de nuevo cada día los principios que imponen por decreto el deber de ser felices. La vulnerabilidad y el riesgo que suponen la sociedad de mercado neoliberal demandan un espíritu dinámico y flexible, móvil y fácilmente adaptable, pero también una voluntad decidida, aventurera, osada, casi heroica".

¹¹ "La question est de savoir si les schizophrènes sont les machines vivantes d'un travail mort, qu'on oppose alors aux machines mortes du travail vivant tel qu'on l'organise dans le capitalisme".

A emergência da Revolução Industrial 4.0 trouxe consigo inovações tecnológicas que estão reformulando os padrões de trabalho, comunicação e socialização. A Inteligência Artificial, com sua capacidade de análise profunda e automatização de tarefas, em especial na interação máquina/máquina através do *IoT (Internet of Things)*, tornou-se um dos pilares dessa revolução, permeando diversas áreas da vida humana.

As plataformas de mídias sociais, impulsionadas pela IA, evoluíram de simples ferramentas de comunicação para complexos ecossistemas digitais. Essas plataformas são projetadas para capturar a atenção do usuário, usando algoritmos sofisticados para apresentar conteúdo personalizado, aumentando assim o tempo de engajamento. Porém, essa constante exposição e interação, somada à própria dinâmica dos novos modelos de trabalho híbrido (virtual e presencial) têm um preço: a exaustão emocional. Essa exaustão é provocada pelo bombardeio incessante de informações materializadas à luz dos gatilhos mentais que induzem o consumo e a adequação ao regime de controle.

A essa massa informacional mal podemos distinguir dados e informações, considerando que todas elas se tornam, em sua última instância, matéria prima para o controle. No entanto, essa massa informacional possui a capacidade de atingir camadas profundas da psicologia do indivíduo, daí onde encontramos a contenda entre o factual e às *fake news*, a relação entre verdade e pós-verdade e entre opinião e saber. (Vichi, 2023, p. 73)

O fruto dessa exaustão é o "*burnout*", fenômeno crescente, onde os indivíduos se sentem emocionalmente esgotados devido à saturação de informações, à pressão para manter uma presença digital idealizada e à incessante necessidade de validação no ciberespaço. A comparação social, a sensação de estar sempre "ligado" e a invasão das barreiras entre a vida profissional e pessoal exacerbam esse sentimento de esgotamento. Como Han (2018) constata:

O esgotamento emocional é o sintoma mais imediato que uma pessoa pode apresentar ao enfrentar o *burnout*. Se alguém se sente sobrecarregado, pode desenvolver a percepção de que seus recursos, como tempo e energia física, estão sendo consumidos pelo estresse. A despersonalização diz respeito ao afastamento emocional de uma pessoa em relação a uma tarefa, um emprego ou à organização à qual ela está vinculada. Se ela não consegue encontrar uma solução efetiva para o estresse que leva ao *burnout*, é provável que recorra à despersonalização como uma medida passiva de defesa contra o

estresse. A sensação de ineficácia relaciona-se à convicção da pessoa de não estar alcançando resultados em suas tarefas ou no trabalho. Esta sensação é mais um indicativo de *burnout*. Em muitas situações, pode ser um elemento potencializador do esgotamento emocional e do cinismo, intensificando o estado de *burnout* da pessoa. (p. 2. Tradução Nossa¹²)

Se em Han temos a ideia de exaustão como inconformidade por seu desempenho, Byung-Chul Han transcende a dimensão do maquinal e a retorna ao humano encarando essa exaustão como localizada na alma e produzida pelo controle psicopolítico sob demanda da lógica de mercado ao propor a eliminação dos caracteres que limitam a eficiência e a produção:

O imperativo neoliberal de otimização pessoal serve a apenas um funcionamento perfeito do sistema. Bloqueios, debilidades e erros devem ser removidos terapeuticamente para melhorar a eficiência e o desempenho. Assim, tudo é comparável, mensurável e está sujeito à lógica do mercado. (Han, 2019b, p. 45)

Além disso, a IA, ao otimizar o conteúdo para manter os usuários engajados, muitas vezes favorece temas polêmicos ou sensacionalistas, o que pode amplificar sentimentos de ansiedade, inadequação ou polarização. Ao mesmo tempo, a mesma tecnologia que permite essa hiperconectividade também está impulsionando mudanças radicais nos setores de trabalho, exigindo dos indivíduos adaptabilidade e aprendizado contínuo. Como constata Haraway et al. (2000) “O trabalho está sendo redefinido ao mesmo tempo como estritamente feminino e como feminizado, seja ele executado, nesse último caso, por homens, ou por mulheres” (Haraway et al., 2000, p. 69). Por feminização, Haraway se refere à produção de indivíduos vulneráveis, capazes de serem substituídos, desmontados, ressignificados, remontados e utilizados como uma força de trabalho reserva. Classificando ainda esse processo como a desqualificação do indivíduo, ressignificado da condição de trabalhador para a de servo. Sintoma que facilmente podemos associar com os característicos da Sociedade do Desempenho apontados por Byung-Chul Han.

¹² “Emotional exhaustion is the most direct symptom a person can have when experiencing burnout. If the person is over-whelmed, she can establish a belief that her resources such as time and physical powers are depleted by the stress. Depersonalization refers to a person’s emotional estrangement from a task, a work, or the organization she belongs to. If the person is unable to find an effective solution to address the stress causing her burnout, she is very likely to use depersonalization as a passive countermeasure to antagonize the stress. The feeling of inefficiency refers to a person’s belief in lack of achievement in task or at work. The feeling of inefficiency is another symptom a person can have when experiencing burn- out. In many cases, it can be an influential factor to the person’s emotional exhaustion and cynicism, which reinforces the person’s burnout”.

A interseção entre a Revolução Industrial 4.0 e o *burnout* das mídias sociais é clara: enquanto a tecnologia oferece oportunidades sem precedentes para conexão e inovação, também cria desafios para a saúde mental e bem-estar. A necessidade de equilibrar os benefícios e riscos associados a essa nova era digital é imperativa, requerendo uma abordagem multidisciplinar que considere tanto os avanços tecnológicos quanto o impacto humano. A busca por um equilíbrio entre a eficiência tecnológica e a saúde emocional torna-se, portanto, uma das principais questões do nosso tempo e uma das principais pautas do controle psicopolítico:

A atual cultura do desempenho e da otimização não permite lidar com o conflito, porque isso requer muito tempo. O sujeito atual do desempenho só conhece dois estados: funcionar ou fracassar. Nisso, ele se assemelha às máquinas. As máquinas também não conhecem o conflito. Ou funcionam sem problemas ou estão quebradas. (Han, 2022, p. 74. Tradução Nossa¹³)

Em meio à rápida ascensão da Revolução Industrial 4.0, nos deparamos com a crescente presença da robótica e de tecnologias correlatas, remodelando o cenário laboral global.

À medida que a robótica e as tecnologias que lhe são relacionadas expulsam os homens do emprego nos países “desenvolvidos” e tornam mais difícil gerar empregos masculinos nos países “em desenvolvimento” do Terceiro Mundo e à medida que o escritório automatizado se torna a regra mesmo em países com reserva de trabalhadores, a feminização do trabalho intensifica-se. (Haraway et al., 2000, p. 72)

Este é um processo inamovível, que, contudo, fora acelerado pela Pandemia do vírus COVID-19 e a adoção forçada do teletrabalho, do trabalho doméstico. Os mecanismos de controle de produção e de vigilância dos trabalhadores, através de videoconferências, monitoramento por vídeo, e uso de plataformas colaborativas nas empresas para acompanhamento do trabalho, acirraram o estado de exaustão emocional, aliado ao estresse produzido pelo isolamento durante o *lockdown* e a ansiedade frente ao cenário de incertezas do mundo pandêmico. A onipresença da tecnologia e a necessidade constante de desempenho criaram uma sociedade na qual a exaustão emocional se torna uma constante. Han (2017) fornece uma visão penetrante sobre esse fenômeno:

¹³ “La actual cultura del rendimiento y la optimización no permite trabajar con el conflicto, porque eso requiere mucho tiempo. El actual sujeto del rendimiento solo conoce dos estados: funcionar o fracasar. En eso se parece a las máquinas. Tampoco las máquinas conocen el conflicto. O funcionan sin problemas o están averiadas”.

A coação de desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir. Sofre um colapso psíquico, que se chama de *burnout* (esgotamento). O sujeito do desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem. (Han, 2017, pp. 85-86)

Em uma era marcada pela hiperconexão e pela incessante busca por produtividade, as consequências psicológicas dessa constante demanda de desempenho têm emergido com preocupante regularidade. A sociedade do desempenho, fortemente impulsionada pela cultura digital e pelas expectativas amplificadas pela mídia, promove um ambiente onde o indivíduo é constantemente pressionado a se superar, independentemente dos custos emocionais e físicos. Nesse contexto, as implicações desse ritmo acelerado e quase implacável se manifestam de maneiras alarmantes e profundas. A consequência dessas pressões é claramente observada quando Han (2017) afirma que

[...] passa por alto também a violência *sistêmica* inerente à sociedade de desempenho, que produz *infartos psíquicos*. O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a *pressão de desempenho*. Vista a partir daqui, a Síndrome de *Burnout* não expressa o *si-mesmo* esgotado, mas antes a alma consumida. (Han, 2017, p. 27)

Dentro desse âmbito é imperativo se apontar os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na *Síntese de Indicadores Sociais* de 2023 que aponta que 22,3% dos jovens entre 15 e 29 anos se enquadram no grupo classificado como “Nem-Nem”, nem estudam e nem trabalham. Entretanto, é importante destacar que esse número corresponde àqueles que deram como principal motivo o de não quererem trabalhar (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023, Tabela 1.46). É inevitável reflexão de que o processo de recusa em submeter-se à codificação dos desejos — e ao “medo e à angústia dos fluxos descodificados” (cf. Deleuze & Guattari, 1973, p. 163) é também sintoma desse esgotamento que, no entanto, surge já como resposta à tecnocracia, e como denegação à transformação ciborgue.

Na esteira dessa compreensão, torna-se evidente que os desafios do mundo contemporâneo não estão apenas na adaptação às tecnologias emergentes, mas também na maneira como gerenciamos as pressões intrínsecas a uma sociedade focada no desempenho. E a maneira que se tem gerenciado é a busca pelo

Ciborgue como forma de maquinalmente lidar com um mundo que agora pertence às máquinas. Nessa esfera, o bem-estar mental, frequentemente relegado a segundo plano em favor da produtividade, emerge como uma questão crítica. Como afirma Han:

O ajuste total da vida humana à função já é uma cultura da morte. O princípio do desempenho assimila o homem à máquina e o aliena de si mesmo. O dataísmo e a inteligência artificial coisificam o próprio pensamento. O pensamento se converte em cálculo. As lembranças vivas são substituídas pela memória maquinal. [...] Para sobreviver, nos enterramos vivos. Com a esperança de sobreviver, acumulamos o valor morto, o capital. O capital morto destrói o mundo vivo. (Han, 2022, p. 22. Tradução Nossa¹⁴)

As consequências do descuido com a saúde mental, na incessante busca por desempenho, não se manifestam apenas nos indivíduos, mas reverberam na estrutura do tecido social, afetando relações interpessoais, e as dinâmicas do trabalho e se projetam como aniquilamento da alma e de estupefação com a ideia de realidade futura. “O regime neoliberal, portanto, opera com o choque; o choque apaga e esvazia a alma, tornando-a indefesa, de modo que o indivíduo se submete voluntariamente a uma reprogramação radical” (Han, 2022, p. 51).

Na mesma linha, a interação constante mediada por dispositivos, especialmente nas mídias sociais, parece ter um efeito paradoxal. Enquanto por um lado facilitam a comunicação, por outro, distorcem e despersonalizam as conexões humanas. Sobre o lugar dos dispositivos de comunicação na Sociedade, Marcuse (2001) comenta:

Mas os equipamentos mecânicos que facilitam o contato entre os indivíduos também interceptam e absorvem sua libido, desta forma distanciando-a do reino por demais perigoso no qual o indivíduo se encontra livre da sociedade. O homem médio dificilmente se importa com outro ser vivo com a mesma intensidade e persistência que demonstra por seu automóvel. (p. 81)

Nesse contexto, surge uma reflexão crítica sobre o papel das tecnologias e suas implicações na saúde mental e no bem-estar humano. Marcuse vaticina a dinâmica dos nossos dias, em que a nossa obsessão por tecnologia e produtividade

¹⁴ “El ajuste total de la vida humana a la función es ya una cultura de la muerte. El principio de rendimiento asimila el hombre a la máquina y lo enajena de sí mismo. El dataísmo y la inteligencia artificial coisifican el propio pensamiento. El pensamiento se convierte en cálculo. Los vivos recuerdos son reemplazados por la memoria maquinal. [...] Para sobrevivir nos enterramos vivos. Con la esperanza de sobrevivir acumulamos el valor muerto, el capital. El capital muerto destruye el mundo viviente”.

está nos afastando das interações autênticas e significativas que alimentam nossa humanidade. A conectividade facilitada pela tecnologia, embora ofereça oportunidades inigualáveis para a comunicação e a disseminação de informações, também promove isolamento. Esse isolamento não é físico, mas emocional e social, alimentado por interações superficiais e a pressão constante para estarmos *on-line*. As implicações dessa realidade na saúde mental dos indivíduos e na coesão social em geral são um campo fértil para investigação e ação. E aqui subsome-se a própria figura do Ciborgue, do Frankenstein, o indivíduo tecnologicamente aperfeiçoado, cujo maquinário biológico, em especial a mente, encontra-se deteriorada pela própria dicotomia homem/máquina.

6. Conclusão

O avanço tecnológico, indissociável da trajetória social do ser humano, nos lança em um cenário dual: de um lado, uma imposta necessidade de superação e transformação, e do outro, o espectro de despersonalização e esgotamento. O advento do *Homo Cyberneticus*, as nuances da identidade ciborgue e a incursão pelo aprimoramento biotecnológico *DIY* pintam um retrato de um ser humano em constante busca por melhorias, ainda que marginal e opositor ao próprio sistema. Entretanto, a par dessa busca inovadora, evidenciam-se os riscos de esgotamento e alienação, notoriamente representados pelo *burnout*, sintomas de um ser vitimado por um projeto de controle psicopolítico neoliberal.

Os desafios postos pela tecnocracia, na perspectiva de Marcuse, mostram um panorama onde a máquina pode assumir um papel dominante, redefinindo não apenas os modos de trabalho, mas também as interações humanas e a própria percepção do eu. A indissolubilidade entre o orgânico e o maquinico se faz cada vez mais presente, levantando questões fundamentais sobre identidade, autonomia e pertencimento social.

A emergente Revolução Industrial 4.0, ao passo em que seduz ao ofertar promessas de inovações e avanços, também evidencia os riscos que se encontram na sociedade do desempenho, onde a pressão incessante por produtividade e eficácia torna-se geradora de doenças neuronais provocadas pelas exaustões físicas e psíquicas.

Por fim, é imprescindível reconhecer a dialética intrínseca à evolução tecnológica como braço de uma força tecnocrática: a intersecção de promessas ilimitadas como mecanismo de uma exploração que se projeta difusamente. Em meio a essa convergência de oportunidades e desafios, a figura do ciborgue surge ao mesmo tempo como promessa e como ameaça.

Referências

- Arendt, H. (2007). *A condição humana*. Forense Universitária.
- Correa Blázquez, M., Aranda Torres, C., & Fernández Ramírez, B. (2022). El cuidado de sí como una práctica de resistencia en salud mental. *Revista Filosofía UIS*, 21(1), 129-151. <https://doi.org/10.18273/revfil.v21n1-2022007>
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1973). *L'Anti-Œdipe: Capitalisme et schizophrénie*. Les Éditions de Minuit.
- Delfanti, A. (2013). *Biohackers: the politics of open science*. Pluto Press.
- Duarte Arias, D. A. (2023). El cyborg: de la excepcionalidad humana a la singularidad tecnológica. *Revista Filosofía UIS*, 22(1), 189-207. <https://doi.org/10.18273/revfil.v22n1-2023009>
- Ferry, L. (2016). *La révolution transhumaniste*. Éditions Plan.
- Gray, C. (1995). *Cyborg handbook*. Routledge.
- Han, B. (2018). Social media burnout: definition, measurement instrument, and why we care. *Journal of Computer Information Systems*, 58(2), 122-130. <https://doi.org/10.1080/08874417.2016.1208064>
- Han, B. (2019b). *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Editora Ayné.
- Han, B. (2020). *Sociedade da Transparência*. Editora Vozes.
- Han, B. (2021). *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Editora Vozes.
- Han, B. (2022). *Capitalismo y pulsión de muerte: Artículos y conversaciones*. Herder Editorial.
- Haraway, D., Kunzry, H., & Tadeu, T. (2000). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Autêntica Editora.
- Hoquet, T. (2019). *Filosofia ciborgue: pensar contra os dualismos*. Editora Perspectiva.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023). *Síntese de Indicadores Sociais*.
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html>

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Editora 34.

Marcuse, H. (2001). *Tecnologia, guerra e fascismo*. Editora Unesp.

Nietzsche, F. (1999). *Also sprach Zarathustra 1-IV*. De Gruyter.

Pearson, I. (2014). *Future human evolution*. *Timeguide*.
<https://timeguide.wordpress.com/2014/06/19/future-human-evolution/>.
[Acesso em 29 de julho de 2023].

Rico-Palacio, D. (2019). Individuo, trabajo y neoliberalismo. *Revista Filosofía UIS*,
18(1), 151–170. <http://dx.doi.org/10.18273/revfil.v18n1-2019007>

Vichi, L. (2023). Presídios digitais: infocracia e controle psicopolítico na sociedade da informação. *International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, 6(1), 65-78. <https://doi.org/10.48075/aoristo.v6i1.31567>

Wiener, N. (1968a). *Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos*. Cultrix.

Wiener, N. (1968b). *Cybernetics or control and communication in the animal and the machine*. MIT Press.